

Felicidade

Dr. Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

“Felicidade” (*eudamonia*, de onde derivamos eudemonismo²) é o termo que Aristóteles usou para designar o objetivo da vida. Ela é um fim em si mesmo, nunca um meio para algo mais: “Honrarias, o prazer, a inteligência e todas as outras formas de excelências, embora as escolhamos por si mesmas... escolhemo-las por causa da felicidade... Mas ninguém escolhe a felicidade, visando as várias formas de honrarias ou prazer, nem como um meio para algo além dela mesma” (*Nicomachean Ethics*, I, vii, 1097b1-6).

Embora o termo “felicidade” pareça designar um fim único, ele na verdade consiste de várias partes, todas necessárias. Dois fatores a serem escolhidos voluntariamente são aquilo que é virtuoso e a atividade racional. As virtudes são a coragem, temperança, liberalidade, e assim por diante. A atividade racional é uma questão de estudar física, metafísica, etc. A razão é que essas são funções do homem como homem. O propósito de uma flauta é produzir música; o propósito de um peixe é produzir peixe; o propósito de um sapateiro é produzir sapatos; mas o propósito do homem como homem é viver virtuosa e racionalmente.

Existem também alguns fatores involuntários na felicidade. Uma vida de tragédia ou desgraça (mesmo desmerecida) não é uma vida feliz. Nem pode um homem ser chamado de feliz se é o seu filho quem sofre a tragédia. Portanto, é impossível saber se um homem é feliz, até que ele tenha morrido.

A ética de Agostinho também era o eudemonismo. A vida boa é uma vida de felicidade (*beatitudo*, *beatitas*, ambos termos cunhados por Cícero). Todos os homens desejam a felicidade (*De Trinitate*, X, v, 7). “Ninguém vive como desejaria, a menos que seja feliz” (*De Civitas Dei*, XIV, 25). Ora,

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2008.

² Doutrina que considera a busca de uma vida feliz, seja em âmbito individual seja coletivo, o princípio e fundamento dos valores morais, julgando eticamente positivas todas as ações que conduzam o homem à felicidade.

Agostinho não menosprezaria virtudes tais como coragem e temperança; nem desdenharia do pensamento racional. Na verdade, ninguém pode ser feliz sem o conhecimento da verdade. Nisso há uma similaridade com Aristóteles. Mas Agostinho substitui o secularismo de Aristóteles pelo conteúdo cristão. Deus é a verdade e conhecer a Deus é a verdadeira sabedoria. Portanto, a felicidade que Agostinho recomenda torna-se bem-aventurança ou beatitude.

De maneira mais explícita: sabedoria não é o conhecimento de algum deus pagão, nem mesmo do, digamos, primeiro princípio de Spinoza. Ter sabedoria é ter Cristo. Cristo é a verdade; Cristo é a sabedoria de Deus.

Uma razão para fazer dessa verdade o objetivo dos nossos esforços é que se amamos o que podemos perder, não podemos ser felizes. Mas Deus, Cristo, e a verdade são imutáveis, e se temos isso, nossa bem-aventurança é permanente.

O eudemonismo, portanto, não pode ser confundido com o hedonismo, como é algumas vezes ignorantemente feito; os dois formam um contraste.

Fonte: *Essays on Ethics and Politics*,
Gordon Clark, Trinity Foundation, p.
109-110